

Helena Maria Beling

Licenciada e Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM),
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia pela mesma instituição
helenabeling2015@gmail.com

Janete Weblor Cancelier

Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM),
Professora Formadora UAB/CAPES da mesma instituição
janetewc@gmail.com

Carmen Rejane Flores

Doutora em Geografia e Ciências do Território pela Universidad de Córdoba (UCO),
Professora adjunta da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
carmenrejane fw@gmail.com

Transformações no espaço rural gaúcho: um olhar para o Pampa Gaúcho

Resumo

Este trabalho objetiva compreender as transformações no espaço rural do Pampa Gaúcho. Está embasado em análise qualitativa, e os procedimentos metodológicos utilizados foram o levantamento e a análise do material bibliográfico, a coleta fotográfica obtida através de trabalhos de campo, a análise e a organização, realizando o cruzamento dos dados e das informações. As transformações no espaço rural do Bioma Pampa no Rio Grande do Sul são notórias, sobretudo, pela modernização tecnológica da agricultura que provoca mudanças na produção, no trabalho e na forma de vida dos sujeitos do campo. O avanço da agricultura moderna tem ocasionado perda da biodiversidade, das características e das especificidades da população pampeana, acarretando transformações na paisagem que são visíveis, observadas principalmente pela diminuição das atividades pastoris e dos demais elementos que, tradicional e culturalmente, estavam presentes neste espaço. O Pampa é um espaço heterogêneo, com uma série de especificidades e particularidades, tanto nas questões ambientais quanto nos aspectos sociais e culturais. São necessárias alternativas de desenvolvimento rural adequadas às singularidades presentes no Pampa, valorizando as riquezas naturais e socioculturais disponíveis.

Palavras-chave: paisagem, espaço geográfico, espaço rural, modernização da agricultura, Pampa Gaúcho.

Abstract

TRANSFORMATIONS IN THE GAÚCHO RURAL SPACE: A LOOK AT THE PAMPA GAÚCHO

This paper aims to comprehend the transformations in Pampa Gaúcho rural space. It is based on qualitative analysis. Methodological procedures are: bibliographic survey and analysis, photographic collection obtained through fieldwork, analysis and organization of data and information cross-referencing. Transformations in rural space of the Pampa Biome in Rio Grande do Sul are notorious, above all, for the technological modernization of agriculture that causes changes in production, work and life of rural citizens. Advance of modern agriculture has caused a loss of biodiversity, characteristic and specificities of Pampa population. Inducing visible changes in the landscape, mainly observed by reduction of pastoral activities and other elements that traditionally and culturally were in this place. Pampa is a heterogeneous area, with specificities and particularities, both in terms of environmental issues and social and cultural aspects. It is necessary to have alternatives of rural development adequate to Pampa singularities, that value natural and socio-cultural wealth available.

Key-words: landscape, geographic space, rural space, agriculture modernization, Pampa Gaúcho.

1. Introdução

A presente pesquisa tem como tema as transformações no espaço rural do Pampa Gaúcho. Várias transformações foram surgindo no espaço rural do Pampa Gaúcho, sobretudo, devido à inserção e ao desenvolvimento da agricultura. Entre os principais cultivos agrícolas estão as lavouras temporárias e permanentes de soja, arroz, trigo, silvicultura, viticultura, olivicultura.

As metamorfoses neste espaço rural aconteceram, principalmente, a partir da inserção da agricultura moderna com seus pacotes tecnológicos e a ação do capital, o que gerou novas dinâmicas e, assim, modificou as paisagens e os cultivos agrícolas.

Neste contexto, concorda-se com Wanderley (2000), que o rural não possui uma essência a-histórica e sim uma essência que muda com o passar do tempo. Assim, aconteceu um processo de resignificação das funções sociais do espaço rural, devido à inclusão de novos usos e funções.

Diante do exposto, esta investigação objetiva compreender as transformações no espaço rural do Pampa Gaúcho ao longo do tempo, abarcando os aspectos sociais, culturais e ambientais. Algumas destas transformações acontecem de forma rápida e outras são mais lentas, em ambos os casos as marcas ficam registradas nas paisagens, mostrando-se como um desafio a ser compreendido pela ciência geográfica.

Esta investigação está baseada em uma abordagem qualitativa. Para atingir o objetivo proposto, os procedimentos metodológicos utilizados foram: 1) levantamento e análise do material bibliográfico sobre o tema e a área pesquisada; 2) realização de trabalhos de campo durante os anos de 2020 e 2021, para realização da coleta fotográfica; e 3) análise e organização dos dados e das informações coletadas.

O artigo se inicia apresentando uma seção sobre a modernização da agricultura e as transformações do espaço geográfico, sobretudo do espaço rural e do caso específico do Pampa Gaúcho. Na sequência, apresentamos as características do heterogêneo espaço rural do recorte da pesquisa, o Pampa Gaúcho, repleto de especificidades e particularidades que precisam ser preservadas e valorizadas. Em seguida, evidenciamos as transformações no espaço rural que aconteceram e estão em curso nos diferentes espaços, com ênfase no do recorte da pesquisa.

2. A modernização da agricultura transformando o espaço geográfico

Não é novidade que os espaços se transformam ao longo do tempo, tanto o espaço urbano quanto o rural. As mudanças são baseadas em novas e diferentes maneiras de estruturar e organizar as questões sociais e materiais, as demandas da sociedade, o conhecimento, a técnica. Tais transformações estão relacionadas diretamente com o movimento da sociedade.

Os sujeitos do campo moldam, produzem e reproduzem o espaço. No que se refere às transformações mais recentes do meio rural, Wanderley (2009, p. 212) aponta que estas resultam de: 1) fatores externos, que correspondem aos “[...] efeitos das novas relações econômicas e políticas,

dominantes em um mundo cada vez mais internacionalizado, sobre as formas de funcionamento e de regulação da produção agrícola e de valorização do meio rural [...]; e 2) fatores internos, já que o “[...] profundo processo de diversificação social e suas relações com o meio urbano perderão definitivamente o caráter de antagonismo, em benefício das relações de complementaridade”.

No espaço rural se estruturam complexas relações, as quais são particularmente resultantes dos processos, sujeitos e das ações materializadas. Apesar da heterogeneidade e das transformações presentes, em muitas circunstâncias, os traços de vida configuram as singularidades dos espaços rurais.

No contexto global, as práticas desenvolvidas no setor agropecuário passaram por inúmeros aperfeiçoamentos e mudanças, visíveis no cotidiano das populações rurais, na transformação dos espaços e pelas marcas deixadas na paisagem. Podem ser observados nos tipos de produtos agrícolas, nas formas de manejo, cultivo e colheita, nas criações destinadas para leite e corte. Esse contexto atribuiu mudanças ao papel desempenhado pelo espaço rural, tanto no que tange o espaço de vida quanto o produtor, observadas sob diferentes formas e intensidades ao longo do tempo e nos diferentes espaços. Nesse contexto, modificam-se os significados e conteúdos sociais, políticos, culturais e ambientais, fazendo com que os espaços e as atividades desenvolvidas no meio rural ganhem novos contornos.

O Brasil, em diferenciadas intensidades, está inserido neste cenário. Nas últimas décadas, o projeto de desenvolvimento rural adotado esteve baseado na modernização tecnológica da agricultura. Mesmo que o uso da tecnologia no campo venha trazendo aumento quantitativo na produção, destacado em pesquisas e nos recordes de produção, vários impactos sociais, econômicos e ambientais são gerados (DE DAVID, 2015).

Assim, continuamente são criadas novas regras de padronização, resultando na diminuição da força de trabalho, acarretando em diferentes arranjos e processos sociais, espaciais, urbanos e rurais. Desta forma, cada fase do avanço tecnológico, “[...] tanto no campo quanto nas cidades, provoca mudanças na produção e no trabalho, reproduzindo e aprofundando o espectro de desigualdades socioeconômicas e os desequilíbrios regionais do país” (DE DAVID, 2015, p. 261).

Em relação a estes apontamentos, Soja (1993, p. 34) destaca que a modernidade “[...] capta uma ampla mescla de sensibilidades, que reflete os sentidos específicos e mutáveis das três dimensões mais básicas e formadoras da existência humana: o espaço, o tempo e o ser”. As mudanças geográficas ocorridas em decorrência de novos processos são oriundas do período classificado por Santos (2006, p. 157) como meio técnico-científico-informacional, através do qual os objetos são elaborados pela ciência através da técnica informacional que gera “[...] alto coeficiente de intencionalidade com que servem às diversas modalidades e às diversas etapas da produção”. A crescente inserção de técnicas e objetos técnicos dotados de ciência, tecnologia e informação criou o que o autor chamou de “cientificização” e “tecnização” da paisagem, o que, por sua vez, propiciou a criação o surgimento de um “tecnocosmo” no qual a natureza, embora exista, tende a recuar e se artificializar cada vez mais.

Os novos arranjos e a dinâmica do espaço rural só podem ser entendidos com base na compreensão da sociedade global, haja vista que as transformações estão em todos os setores, devido à mundialização da economia, abrangendo as atividades agropecuárias e o espaço rural como um todo, marcados por diversos arranjos socioespaciais, com dinâmicas específicas em cada lugar. “[...] Passa a existir, portanto, uma nova realidade no meio rural, marcando a continuidade histórica da acumulação capitalista, agora com uma nova face” (DE DAVID, 2015, p. 257). Isso vai impulsionar a formação de novos paradigmas e articulações da agropecuária com as atividades produtivas, surgindo outros e novos sentidos para os espaços rurais e marcas na paisagem que só podem ser entendidos no contexto nacional se relacionados com o contexto das dinâmicas mundiais. Assim, as relações entre a sociedade e o espaço são articuladas e dependentes.

A chamada agricultura tradicional, desenvolvida antes de 1950, tinha como característica o “[...] intenso uso da força de trabalho familiar para a produção e obtenção de produtos de origem animal e vegetal basicamente para suprir as necessidades de abastecimento da própria família” (CHELOTTI, 2009, p. 125). As experiências eram transmitidas de geração para geração, com grande valorização dos saberes tradicionais. Contudo, com a modernização da agricultura ocorre uma ruptura nas

relações de produção preexistentes, assim, a modernização “[...] pode ser definida ainda como sendo um processo de modificação nas relações sociais de produção” (BRUM, 1985, p. 94). Conforme Wizniewsky (2015, p. 82), no Brasil, o processo se iniciou nos anos de 1950, ganhando destaque em 1970, período no qual, “[...] empresas multinacionais, com seus pacotes tecnológicos, monopolizam o território, resultando na criação de múltiplos territórios. Modernizar, nessa lógica, é o mesmo que desenvolver”.

A Revolução Verde, a partir da agregação de capital financeiro e técnico, tendo como base as monoculturas e objetivando altos rendimentos e a produtividade, introduziu novas práticas agrícolas, aumentando a produção e ocasionando intensas transformações no campo, tanto no sistema quanto na estrutura de produção.

Foi na década de 1970 que o Estado começou a atuar de forma decisiva, impulsionando “o surto modernizador”. Ocorreram, assim, mudanças drásticas na base técnica da produção agrícola, sobretudo, com os produtos que o mercado começava a exigir, como é o caso dos grãos destinados à exportação, principalmente a cultura da soja (CHELOTTI, 2009, p. 126). Nesta década, “(...) a agricultura brasileira não apenas respondeu às demandas da economia, mas foi profundamente alterada em sua base produtiva” (GONÇALVES NETO, 1997, p. 78).

A partir da modernização da agricultura torna-se possível compreender como as transformações se manifestaram nos mais diferenciados espaços rurais do Brasil, em quais escalas ocorreram, assim como as relações e disputas entre grupos e classes sociais. Com a modernização surgem mudanças na produção, na maneira de produzir, na quantidade produzida, na organização social da produção e novas relações sociais se estabelecem, modificando as relações de trabalho, as redes, os atores e os sujeitos sociais. Estes apontamentos são fundamentais para a compreensão das mudanças produtivas inseridas nas últimas décadas no espaço rural de diferenciados espaços, entre os quais, no estado do Rio Grande do Sul, o Bioma Pampa, objeto desta análise.

No Bioma Pampa, os condicionantes naturais e sociais influenciam diretamente no desenvolvimento e nas transformações das práticas agrícolas e da pecuária, e, desse modo, na modificação do espaço rural e de

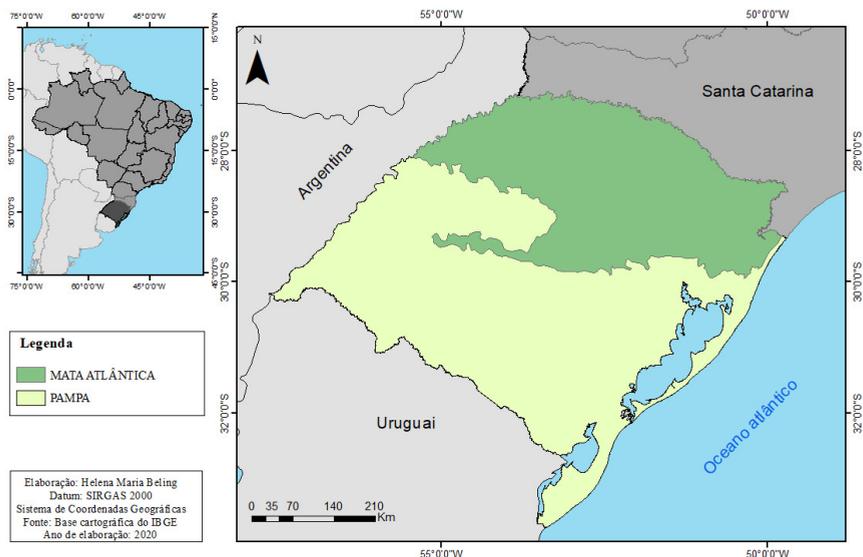
suas paisagens. No que tange as condicionantes naturais, destacam-se prioritariamente: precipitação, temperatura, umidade, insolação, tipos de solo, altitude, vegetação e relevo. Por sua vez, os condicionantes sociais estão relacionados à inserção e ao uso da técnica e das tecnologias nos processos produtivos e às novas práticas agrícolas e não agrícolas inseridas no campo.

No caso do Pampa Gaúcho, as transformações materializadas nas paisagens são, sobretudo, decorrentes do desenvolvimento da pecuária e da introdução de lavouras temporárias e permanentes, como a soja, a olivicultura e a fruticultura, com destaque para a produção de uvas viníferas. Contudo, há de se considerar que até neste espaço ocorrem particularidades, especificidades, homogeneidades e singularidades, oriundas das diferentes e distintas características e das relações sociais estabelecidas entre agentes territoriais. Assim, objetiva-se analisar as transformações que vêm ocorrendo no espaço rural do Bioma Pampa no estado do Rio Grande do Sul. A análise parte da compreensão de que o espaço rural é singular, heterogêneo, integrado e relacional na trama mais ampla de relações na qual está inserido.

3. O Pampa Gaúcho

Os campos Sulinos ou Pampa estendem-se entre o Uruguai, a Argentina e o Brasil. A parte que corresponde ao Pampa brasileiro é a porção mais ao norte (IBGE, 2004; CHOMENKO, 2007). O Pampa ocupa uma área total de, aproximadamente, 700.000 km². “[...] Essa região, denominada Pastizales del Río de la Plata ou, simplesmente, Campos e Pampas, constitui a maior extensão de ecossistemas campestres de clima temperado do continente sul-americano” (BENCKE; CHOMENKO; SANT’ANNA, 2016, p. 17). O Pampa, no Brasil, tem área aproximada de 176.496 Km², correspondendo a 2,07% da área total do país, se restringindo ao estado do Rio Grande do Sul onde ocupa 63% do território (IBGE, 2004), conforme pode ser observado na figura 1.

Figura 1
BIOMAS DO RIO GRANDE DO SUL



Fonte: IBGE (2004). Elaboração: BELING. H. M (2020).

Passou-se a reconhecer o Pampa como uma delimitação geográfica específica no Brasil, a partir do mapa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2004, no qual, pela primeira vez, foram delimitados os seis biomas continentais brasileiros (IBGE, 2004). Até então, parte do Pampa era tratado como Mata Atlântica. Após a publicação, passou-se a tratar a região como um espaço diferenciado no território nacional, com uma fauna, uma flora e um ecossistema típicos, muito parecidos com o que existe no lado uruguaio e em parte da Argentina, e diferente do que existe em todo o restante do Brasil.

As paisagens naturais do Pampa são variadas, de serras a planícies, de morros rupestres a coxilhas, se caracterizam pelo predomínio dos campos nativos, mas há também a presença de matas ciliares, matas de encosta, matas de pau-ferro, formações arbustivas, butiazais, banhados, afloramentos rochosos etc. (MMA, 2000). O bioma exibe um imenso patrimônio cultural associado à biodiversidade.

O Pampa é um conjunto de ecossistemas muito antigos, abrigando flora e fauna próprias e com grande biodiversidade. É um patrimônio natural, genético e cultural de importância nacional e global. No Bioma fica

a maior parte do aquífero Guarani (MMA, 2000). No que tange os solos, a grande diversidade é resultado “[...] da grande variabilidade geológica, da topografia, da distribuição da pluviosidade, da temperatura e da disponibilidade de água” (BOLDRINI, 2009, p. 64). Todos os elementos que compõem a paisagem são responsáveis pelas características do Pampa.

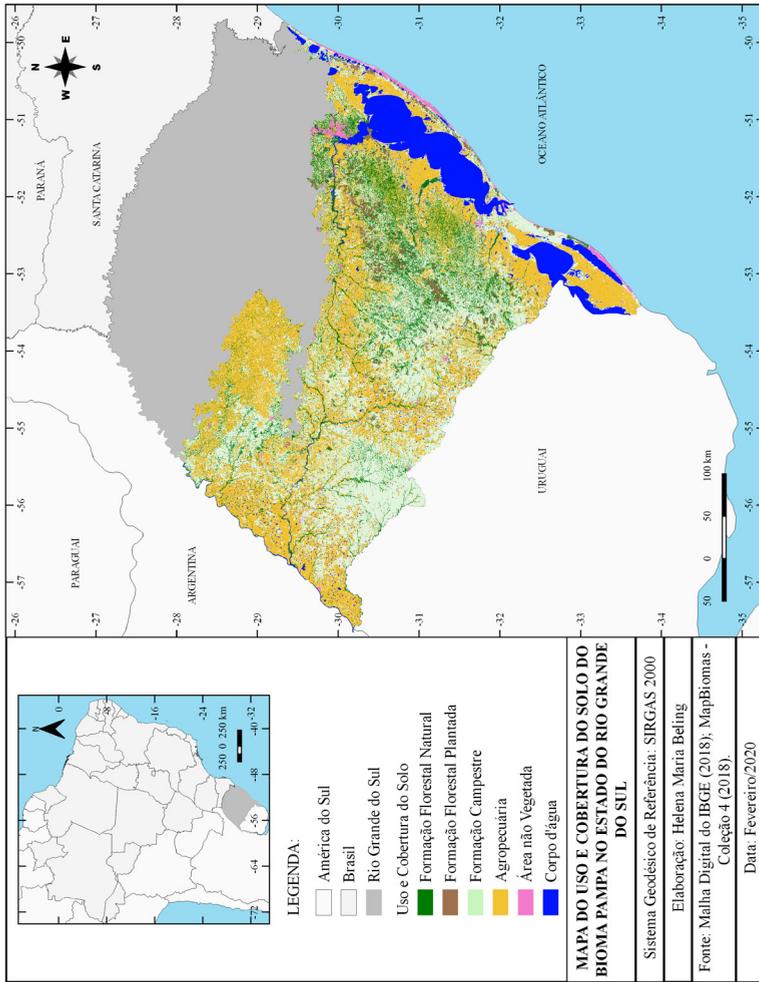
Quando se fala em Pampa, a definição mais conhecida é a classificação conforme características geográficas e bioclimáticas peculiares. Porém, o Pampa é também formado por processos sociais, históricos, econômicos e culturais. É um território composto por relações sociais, por diversos e diferentes usos. Todos esses elementos associados desafiam a compreensão e o debate dos processos sociais ou mesmo dos impactos ambientais do/no Pampa.

Muitos trataram o Pampa como campos de formação simples, denominada “capim”. Porém, é um bioma complexo, com várias formações vegetais, cada uma possuindo suas peculiaridades (BOLDRINI, 2009). A paisagem do Pampa possui valor ecológico, científico, econômico, educacional, cultural, estético e recreativo. Esta formação campestre, além da extrema beleza, hospeda um grande quantidade e diversidade de espécies, bem como é uma ótima forrageira para a pecuária.

O Pampa pastoril ganhou rótulos de vazio, deserto, pouco progresso/desenvolvimento e área que apresenta somente campos. Assim, a paisagem e a vida pastoril começaram a se tornar marginais com a modernidade. O francês Dreys (1990, p. 109), ao relatar sobre a vida pastoril no sudoeste gaúcho, denominou a região de “[...] desertos a Oeste do Rio Grande”; o belga Baguet (1997, p. 75), ao andar pelos campos, afirmou que “[...] felizmente há estâncias no campo, como oásis no deserto”. Ainda sobre a forma de vida do povo pampeano, Saint-Hilaire (1997, p. 307) inferioriza o modo de vida dos sujeitos, enfatizando que suas habilidades são restritas.

A pecuária extensiva, sobre os campos nativos, tem sido a principal atividade econômica, trazendo resultados econômicos importantes e permitindo a conservação da cultura e da biodiversidade (MMA, 2000). A pecuária é desenvolvida por mais de 200 anos nos campos pampeanos, com uma relação harmoniosa entre os usos e a conservação dos campos. Queiroz (1977) elucida que significativa parte da história e da geografia do Pampa advém de sua relação com a criação extensiva de gado, ou com a chamada “vida pastoril”.

Figura 2
COBERTURA E USO DA TERRA NO BIOMA PAMPA NO BRASIL



Fonte: IBGE (2018); MapBiomas (2018). Elaboração: BELING, H. M (2020).

Na figura 2 pode-se observar o mapa de cobertura e uso da terra do Bioma Pampa no Rio Grande do Sul.

Este mapa é importante para a compreensão de como o uso pode provocar transformações nos elementos e nos processos, bem como a degradação das estruturas naturais, acarretando em transformações no espaço rural e na paisagem. No mapa são visíveis as áreas das formações pampeanas naturais, como campos e florestas, e aquelas de atividades agropecuárias. Assim, fica evidente a substituição da vegetação nativa e as metamorfoses do espaço e da cultura pampeana.

Os diferentes usos e coberturas da terra podem apresentar ameaças e/ou suporte para a preservação do meio ambiente e das características naturais de determinado território, gerando desenvolvimento local. Conforme visualizado no mapa de cobertura e uso da terra, a área total mensurada do Bioma Pampa é de 177.591,9 Km². Dos quais, conforme as classes apresentadas no mapa: 21.371,36 Km² referem-se à formação florestal natural; 4.794,23 Km² são referentes à formação florestal plantada; a formação campestre equivale a 64.855,66 Km²; a área destinada a agropecuária é de 65.783,07 Km²; 2.590,51 Km² são de área não vegetada; e, 18.202,42 Km² são de corpos d'água.

O avanço da agricultura moderna tem ocasionado perda da biodiversidade e das características e especificidades da população pampeana. A esse respeito, Chomenko (2017) aponta que, ao se avaliar o bioma Pampa, com significativas particularidades, deve-se levar em conta questões ambientais e culturais, pois:

[...] habitam elementos bióticos amplamente diversificados e adaptados ao ambiente campestre, constituindo um complexo sistema de distintos ecossistemas claramente adaptados ao seu relevo, formando assim um mosaico de paisagens. [...] para se ter uma objetiva análise de situação é importante ter claro que é fundamental avaliar este Bioma sob enfoque sócio ambiental visto que sua dimensão cultural desempenha importante papel (CHOMENKO, 2017, p. 64).

O Pampa, levando-se em conta as áreas naturais protegidas no Brasil, é o bioma que tem menor representação no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), com apenas 0,4% da área protegida por UC (MMA, 2000): “[...] o Bioma Pampa apresenta apenas 17 áreas protegidas,

distribuídas por 6.494 hectares e representativas de somente 3,6% da área total deste bioma” (PICOLLI; SCHNADELBACH, 2007, p. 12).

Diante de tal contexto, Boldrini (2009, p. 64), ressalta que

[...] não é o número de espécies que justifica a conservação de um determinado ecossistema, mas sim a importância que este ecossistema representa por si só na área do planeta em que ocorre, tanto no sentido biológico quanto na sua relação com o homem.

Em escala global, no passado, os campos temperados cobriam 8% da superfície terrestre, e só não estavam presentes na Antártida. Atualmente, é considerado o bioma mais alterado, ameaçado e menos protegido. Fato este que aconteceu devido a ser considerado um dos melhores ambientes para o desenvolvimento da vida e da produção. Historicamente, os campos temperados abrigavam algumas das maiores concentrações de herbívoros, paisagens campestres e várias espécies de gramíneas fundamentais para a alimentação humana (CHOMENKO, 2017).

Grande parte deste ecossistema campestre foi demasiadamente alterado pela ação humana. Os campos naturais do Pampa estão desaparecendo de maneira rápida, sobretudo para dar espaço à agricultura e à silvicultura. Isso gera preocupações e dúvidas no que diz respeito ao futuro e à biodiversidade deste bioma, já que várias espécies que dependem deste ecossistema estão ameaçadas de extinção (CHOMENKO, 2017). Apesar disso, o Pampa é o mais desconhecido de todos os biomas no Brasil (CHOMENKO, 2007; PICOLLI; SCHNADELBACH, 2007).

Nesse contexto, são necessárias atividades que garantam a conservação do bioma Pampa, associando o desenvolvimento econômico e social à sustentabilidade, com “[...] a diversificação da produção rural, a valorização da pecuária com manejo do campo nativo, juntamente com o planejamento regional, o zoneamento ecológico-econômico e o respeito aos limites ecossistêmicos”. Inclusive, a pecuária extensiva é uma das práticas responsáveis pela conservação da biodiversidade pampeana, sendo uma forma tradicional de aproveitamento econômico (MMA, 2000). Dessa maneira, não é suficiente apresentar o “[...] Pampa apenas como um espaço natural, de paisagem, vegetação e biodiversidade típicas. Qualquer definição que se pretenda dar a essa região será incompleta se não considerar a dimensão sociocultural” (BENCKE; CHOMENKO; SANT’ANNA,

2016, p. 19). Modelos exógenos de desenvolvimento devem ser evitados, haja vista que não garantem a conservação dos aspectos ambientais e a melhoria da qualidade de vida das populações locais.

Nesta linha, é válido salientar o trabalho de Picolli e Schnadelbach (2007, p. 25), que mostra que o incentivo a monoculturas agrícolas coloca em risco a biodiversidade. Sendo assim, um modelo produtivo sustentável deve contemplar a diversificação agrícola, com a inserção de culturas que estejam em equilíbrio dinâmico com a natureza pampeana. Entre as alternativas produtivas viáveis para o Pampa, as autoras citam o cultivo de nogueiras, arroz ecológico, oliveiras, produção de mel, sementes, carne certificada, carne e leite derivados de um gado ecológico (criado a pasto e tratado com homeopatia), uva ecológica e outras frutas, plantas medicinais e o incentivo ao turismo rural.

Ademais, o Pampa possui várias possibilidades produtivas para o desenvolvimento da região, podendo gerar emprego e renda para a população pampeana sem ameaçar a permanência do bioma. Também, é de extrema importância que o poder público, em todas as suas esferas, incentive a diversificação do sistema produtivo e garanta a conservação das características naturais e sociais do Pampa, que ainda é pouco protegido e valorizado.

4. Transformações no espaço rural do Pampa Gaúcho

As transformações na paisagem do Pampa Gaúcho são visíveis e observadas principalmente pela diminuição das atividades pastoris e dos demais elementos que, tradicional e culturalmente, estavam presentes neste espaço. Conforme explica Santos (2006), as paisagens culturais passam por processo de estandarização ou banalização, pois com a modernização ocorre a difusão do mesmo padrão tecnológico em diferentes lugares, reduzindo as suas diferenças morfológicas. Esse processo em diferentes intensidades tem se manifestado no Pampa Gaúcho.

A partir dos anos 1990, as mudanças se tornam mais significativas, com uma crescente intensificação das produções, definida por Achkar (2017, p. 127), como “intensivismo”. Essa intensificação potencializa as

relações de exclusão social das populações locais e a degradação do meio ambiente. A reestruturação da produção se dá sob a lógica do capital, modificando o saber fazer local e introduzindo atividades altamente especializadas (SILVA, 1999). A partir da cultura desenvolvimentista no campo, se constrói um desapego com as heranças agrárias (PÉREZ, 2008).

A redução do universo pastoril pampeano é visível e vai ao encontro de várias transformações que ocorrem e ainda estão em curso no campo e na cidade. Santos (2006), ressalta que este período de globalização é definido como meio técnico-científico-informacional, à medida que permite a fluidez do território e a dispersão espacial da produção, especializações e complementaridades regionais, intensificando as trocas. A ciência, a tecnologia e o mercado global tornam-se pilares da intervenção humana sobre o meio. O uso da técnica é redefinido pelo lugar e, concomitantemente, modifica seus valores. No contexto do Pampa, cada vez mais o bioma é incorporado aos circuitos globais de produtividade, competitividade e lucro, modificando-se a pecuária, agora associada a outras atividades, como a agricultura moderna.

Os campos do Pampa ficaram à margem do processo de modernização da agricultura, entre as décadas de 1960 e 1970, pelas condições de solo e/ou relevo, que dificultavam a implantação de lavouras. Porém, as novas tecnologias estão permitindo avançar sobre estas áreas. A esse respeito, Verdum (2016, p. 50) salienta o segundo rompimento da paisagem dos campos que ocorreu especialmente a partir dos anos 1970, quando há uma mudança na produção, representada pela expansão dos cultivos temporários. Entre os anos de “[...] 1950 e 1970 houve o *boom* do trigo e, a partir dos anos 1970, o da soja. A introdução desses cultivos mecanizados sobre o relevo plano das coxilhas e cerros, em solos leves e de fácil manejo, cobertos pela vegetação herbácea” ocasionaram uma transformação na paisagem, na qual, até então, predominava a pecuária extensiva.

Ao abordar a produção de arroz no Pampa Gaúcho, Sant’anna (2016, p. 173) ressalta que o arroz irrigado sempre representou a principal cultura anual de grãos, na extensão da área cultivada e na repercussão na economia e na geração de empregos. Nas palavras do autor, “[...] praticamente todo o arroz irrigado do Rio Grande do Sul é produzido no Pampa. Aproximadamente 1,1 milhão de hectares são cultivados anualmente e a área plantada tem-se mantido relativamente estável nos últimos anos”.

A estabilidade da produção deve-se, sobretudo, ao fato de quase toda área cultivada ser irrigada por inundações e não sofrer os efeitos das restrições hídricas, bem como ao desenvolvimento de novas cultivares e tecnologias.

Muitas regiões do estado modificaram seus processos produtivos e práticas agrícolas tradicionais com os efeitos do *boom* da soja. Desde o final da década de 1970, há rápido crescimento da oferta dos produtos agrícolas, que se deu devido às novas áreas e ao aumento da produtividade, o que, em 1980, contribuiu para a redução dos preços (SCHNEIDER; WAQUIL, 2004).

A combinação entre ciência, técnica, tecnologia, informação e mercado global reduz as barreiras impostas pelas condições naturais para a produção agrícola. Boa parte da superfície originalmente coberta pela vegetação campestre no Pampa Gaúcho foi substituída por outros tipos de cobertura vegetal, como é o caso da soja, processo que aconteceu de forma rápida e sem limites. A produção de soja teve significativo aumento da área plantada no Rio Grande do Sul, crescimento este que tem se dado em direção ao Pampa.

Com o esgotamento das áreas consideradas aptas para o cultivo desta oleaginosa, a produção vai se expandindo para áreas que antes não eram consideradas propícias para a produção. No estado gaúcho, as terras altas de solos profundos com predomínio de texturas argilosas do norte (Planalto) atingem elevados preços, e a expansão acontece em áreas com solos arenosos e franco-arenosos do sul do estado.

Muitos investidores com trajetória na produção de soja, sobretudo da metade norte do estado, expandem sua produção para o sul do estado. A ampliação das áreas cultivadas ocorre via processos de compra e arrendamento de terras. Mesmo com rendimento médio inferior por hectare, a menor produtividade é compensada, de certa maneira, pelo menor preço da terra e pela elevada disponibilidade de áreas. Assim, a soja é mais um elemento materializado nas paisagens do Pampa.

No Pampa Gaúcho, a partir dos anos 1990, é introduzido um número significativo de assentamentos rurais. As famílias de agricultores, oriundas de vários lugares, passam a produzir e se reproduzir no Pampa, até então com predominância do latifúndio com pecuária extensiva. Reforça-se, assim, a representatividade da agricultura familiar, promovendo transformações econômicas, sociais e políticas, tanto a nível local como regional.

Dessa maneira, esses novos sujeitos inseridos simbolizam “uma transformação socioespacial em relação à situação anterior, dominada, até então, pelo espaço latifúndio e seu domínio, baseado numa pecuária de corte e no cultivo da lavoura capitalista do arroz irrigado” (CHELOTTI; PESSÔA, 2007, p. 14).

No que diz respeito à silvicultura (eucaliptos, *pinus* e acácia-negra), a atividade trouxe nova configuração produtiva para algumas regiões do estado, bem como uma expressiva mudança na paisagem, com plantação de vastas áreas de eucaliptos. A produção se expandiu pelas regiões do Pampa, acarretando transformações na paisagem. Como salienta Verdum (2016, p. 51), a plantação em larga escala “[...] tem rompido a horizontalidade da paisagem e as estruturas socioeconômicas típicas, gerando intensos debates sobre a sua validade como opção socioeconômica e criando novas marcas [...]”.

A crise da pecuária no estado do Rio Grande do Sul fez com que empresas de celulose adquirissem terras e arrendassem propriedades para a produção. A silvicultura foi incentivada pelo estado com o intuito de diversificar a produção, gerando capital e renda, especialmente para os grandes empresários rurais e as empresas agroindustriais. Porém, vários estudos tratam de uma série de aspectos negativos desta produção; ao mesmo tempo que teve investimentos das empresas, empregos e incorporação de produtores, também causou impactos sociais, culturais, econômicos e ambientais. Sobretudo, pelo fato de aumentar as desigualdades sociais, beneficiando, especialmente, os grandes produtores, além da perda da biodiversidade. Além disso, o retorno financeiro não foi o esperado, acarretando, em vários casos, o abandono da produção.

Também outras atividades têm crescido no Pampa Gaúcho, como é o caso da fruticultura, que se desenvolveu com expressividade, sobretudo por meio de projetos e programas voltados para o desenvolvimento da produção. O plantio de frutas e seu comércio passam a se colocar como mais uma alternativa econômica e de diversificação da produção. Porém, a fruticultura, presente no discurso desenvolvimentista do estado, não se consolidou como alternativa com o passar do tempo. A agricultura familiar ficou à margem desse processo.

A vitivinicultura, uma atividade econômica com visibilidade mundial, ganhou expressividade no Pampa Gaúcho, tendo em vista que esta cultura estava concentrada, sobretudo, na região da Serra Gaúcha. A presença da atividade no Pampa se consolida enquanto uma estratégia de produção de destaque no estado gaúcho. A inserção e a ampliação das áreas destinadas a esta atividade estão diretamente vinculadas às características de clima e solo, propícias para o cultivo, bem como às áreas disponíveis para a produção, já se consolidando e deixando marcas na paisagem do Pampa Gaúcho, como pode ser observado na figura 3. Algumas associações e organizações foram criadas para atender os interesses dos produtores de uva e de vinho.

Figura 3

PAISAGENS EM TRANSFORMAÇÃO: VIDEIRAS EM SANTANA DO LIVRAMENTO/RS



Fonte: BELING. H. M (2018).

E, mais recentemente, sobretudo a partir de 2005, o cultivo de oliveiras para produção de azeite de oliva e conservas de mesa vem ganhando força e destaque no espaço rural do estado. A inserção ocorreu, principalmente, pela demanda existente no mercado interno, tendo em vista o Brasil ser um grande consumidor e apresentar áreas com condições propícias para a

plantação de oliveiras. Entre as estratégias produtivas para o espaço rural do estado do Rio Grande do Sul, a olivicultura merece destaque. Essa atividade é apontada pelos pesquisadores, juntamente com a vitivinicultura, como atividades sustentáveis e adaptáveis ao Pampa Gaúcho.

Na figura 4, observa-se as oliveiras e o relevo característico do Pampa, com pecuária (vegetação campestre e cultivos plantados), áreas de lavoura temporária e permanente, eucaliptos e o destaque para as oliveiras.

As alternativas produtivas inseridas no Pampa Gaúcho e as técnicas utilizadas têm ocasionado mudanças nas formas de organização social e de produção agropecuária. A inserção é incentivada por políticas e programas para o desenvolvimento, visando à produção. Os resultados destes processos são alterações nas paisagens, que acontecem ao longo do tempo e no espaço.

Figura 4
PAISAGENS EM TRANSFORMAÇÃO: OLIVEIRAS EM CAÇAPAVA DO SUL/RS



Fonte: BELING. H. M (2019).

As mudanças no espaço rural, que provocam transformações na paisagem do Pampa, não estão relacionadas somente aos campos que se transformam em áreas de soja, por exemplo, mas também, aos prejuízos ambientais, como a perda da biodiversidade, além de perdas culturais e

sociais. Por isso, é de extrema relevância desenvolver atividades agrícolas que garantam a convivência mais harmoniosa com o Pampa Gaúcho, que, além da geração de emprego e renda, também levem em conta as questões sociais, ambientais e culturais envolvidas.

O superpastejo, a expansão da agricultura de grãos e a substituição da matriz forrageira nativa por espécies exóticas, devido ao desconhecimento das potencialidades das pastagens naturais da região, são causas da degradação dos campos naturais do Pampa. Neste âmbito, “[...] não só as riquezas, mas toda a multifuncionalidade – econômica, produtiva, ambiental, cultural, turística e social – dessa complexa região pastoril tem sido negligenciada pela sociedade” (SANT’ANNA, 2016, p. 169).

No Pampa Gaúcho a inserção de cultivos agrícolas como a soja, o trigo, o milho, a silvicultura, a vitivinicultura e a olivicultura é escolha dos produtores, muitas vezes influenciada por forças externas, bem como por políticas e programas, implementados devido às condições naturais favoráveis, sobretudo de clima e solo, associadas à disponibilidade de terras.

As interações entre sociedade e natureza para o desenvolvimento das atividades agropecuárias resultam na construção do espaço e das paisagens rurais. As modificações a partir do desenvolvimento de outras produções agrícolas no espaço rural vão gerar novas formas de organização espacial e social devido, sobretudo, à modernização da agricultura e à inserção de diferentes cultivos agrícolas.

5. Considerações finais

Pesquisar temas relacionados com a produção e as transformações do espaço rural sempre é instigante e desafiador, sobretudo na atualidade, quando tais relações são ainda mais complexas. Nesse sentido, é interessante e provocante investigar os processos históricos, sociais e culturais que moldam a configuração socioespacial do espaço rural da contemporaneidade.

O Pampa é um bioma heterogêneo e com grande diversidade e está sendo transformado ao longo do tempo em seus distintos espaços. As transformações do espaço rural acontecem, sobretudo, pela inserção e

pelo desenvolvimento da agricultura moderna, em áreas que antes eram destinadas ao desenvolvimento da pecuária tradicional. As diferentes transformações que foram ocorrendo no espaço rural deixam marcas na paisagem, a partir das diferentes e distintas estratégias de uso e apropriação da natureza para as práticas produtivas e sociais.

O Pampa possui várias possibilidades produtivas para o desenvolvimento da região. Se for desenvolvido de maneira sustentável, pode gerar emprego e renda para a população pampeana sem ameaçar sua existência. Também é de extrema necessidade e importância que o poder público, em todas as suas esferas, incentive a diversificação do sistema produtivo e garanta a conservação das características do Pampa, que ainda é pouco protegido e valorizado. Entretanto, a luta em defesa dos campos e dos povos pampianos deve ser desenvolvida e perpassar por todas as ciências com urgência.

As interações entre a sociedade e a natureza para o desenvolvimento das atividades agropecuárias resulta na construção do espaço e das paisagens rurais. Na área desta pesquisa, foram sendo modificadas a partir do desenvolvimento de outras produções agrícolas no espaço rural, gerando, dessa maneira, novas formas de organização espacial e social devido, sobretudo, à modernização da agricultura e à inserção de diferentes cultivos agrícolas.

Referências

ACHKAR, M. El bioma pampa: un territorio en disputa In: WIZNIEWSKY, C. R.; FOLLETO, E. M. (Org.). **Olhares Sobre o Pampa**: um território em disputa. Porto Alegre: Evangraf, 2017. p. 126-140. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/ppggeo/images/pdf/Livro%20Pronto%20Olhares%20sobre%20o%20pampa.pdf>>. Acesso em: 27 abr. de 2020.

BAGUET, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC; Florianópolis: PARAULA, 1997.

BENCKE, G. A.; CHOMENKO, L. D.; SANT'ANNA, M. O que é o Pampa? In: CHOMENKO, L.; BENCKE, G. A. (Org). **Nosso Pampa Desconhecido**. Fotografias: Adriano Becker. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 2016. p. 17-27.

BOLDRINI, I. I. A flora dos Campos do Rio Grande do Sul. In: PILLAR, V. D.; MÜLLER, S. C.; CASTILHOS, Z.; JAQUES, A.V. A. (Org.). **Campos Sulinos: conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Brasília: MMA, 2009. p. 63-77. Disponível em: <<http://ecoqua.ecologia.ufrgs.br/arquivos/Livros/CamposSulinos.pdf>>. Acesso em: 12 abr. de 2020.

BRUM, A. J. **Modernização da Agricultura: Trigo e a soja**. Ijuí: FIDENE, 1985.

CHELOTTI, M. C. **A estância metamorfoseou-se: (re) configurações territoriais e expressões da reterritorialização camponesa na campanha gaúcha (1990-2007)**. 2009. 305 f. Tese de doutorado (Programa de Pós-Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

CHELOTTI, M. C.; PESSÔA, V. L. S. A nova geografia agrária da Campanha Gaúcha/RS-BR: a (re)criação da produção familiar em domínio do espaço latifundiário. In: JORNADAS INTERDISCIPLINARIAS DE ESTUDIOS AGRARIOS Y AGROINDUSTRIALES, 5., Buenos Aires, 2007. Anais das V Jornadas Interdisciplinarias, **Proceedings...** Buenos Aires: FCE-UBA, 2007, p. 1-16.

CHOMENKO, L. Pampa: um bioma em risco de extinção. **Revista do Instituto Humanistas Unisinos (IHU – on-line)**: O Pampa e o monocultivo do eucalipto, São Leopoldo, n. 247, p. 04-08, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao247.pdf>>. Acesso em: 27 abr. de 2020.

CHOMENKO, L. Transformações estruturais no Pampa. In: WIZNIEWSKY, C. R.; FOLLETO, E. M. (Org.). **Olhares Sobre o Pampa: um território em disputa**. Porto Alegre: Evangraf, 2017. p. 62-77. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/ppggeo/images/pdf/Livro%20Pronto%20Olhares%20sobre%20o%20pampa.pdf>>. Acesso em: 27 abr. de 2020.

DE DAVID, C. Transformações no espaço rural gaúcho: um esforço de síntese. In: WIZNIEWSKY, C. R. F.; DE DAVID, C.; CANCELIER, J. W. (Org.). **Rio Grande do Sul: Estudos de geografia agrária**. Porto Alegre: Jadeditora/Evangraf, 2015. p. 257-270.

DREYS, Nicolau. **Notícia Descritiva da Província do Rio Grande de S. Pedro do Sul**. Porto Alegre: Nova Dimensão/EDIPUCRS, 1990.

GONÇALVES NETO, W. **Estado e agricultura no Brasil: Política agrícola e modernização econômica brasileira, 1960-1980**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Mapa de Biomas e Vegetação**: 2004. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/informacoes-ambientais/estudos-ambientais/15842-biomas.html?=&t=acesso-ao-produto#sub_geociencias>. Acesso em: 01 mai. de 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Malha digital**. 2018. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/15774-malhas.html?edicao=15874&t=acesso-ao-produto>>. Acesso em: 01 mai. de 2019.

MAPBIOMAS, MapBiomias. Metodologia. **Visão Geral da Metodologia**. 2018. Disponível em: <<https://mapbiomas.org/atbd>>. Acesso em: 15 fev. de 2020.

MARAFON, G. J. O trabalho de campo como um instrumento de trabalho para o investigador em geografia agrária. In: RAMIRES, C. de; PESSÔA, V. L. S. (Org.). **Geografia e pesquisa qualitativa**: nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis, 2009. p. 379-394.

MMA. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE DO BRASIL. **“PAMPA”**. Avaliação e ações prioritárias para a conservação da biodiversidade da Mata Atlântica e Campos Sulinos. Publicação avulsa do MMA, 2000. Disponível em <<http://www.mma.gov.br/biomas/pampa>>. Acesso em: 29 abr. de 2019.

PÉREZ, R. S. Hacia una valoración patrimonial de la agricultura. **Scripta Nova**: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Barcelona, n. 275, 15 out. 2008. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-275.htm>>. Acesso em: 18 out. de 2021.

PICOLLI, L.R.; SCHNADELBACH, C. V. (Org.). **O Pampa em Disputa**: A biodiversidade ameaçada pela expansão das monoculturas de árvores – Amigos da Terra Brasil. Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<https://projetopampa.fld.com.br/uploads/pdf/O-Pampa-em-disputa.pdf>>. Acesso em: 06 fev. de 2021.

QUEIROZ, M. I. P. Pecuária e vida pastoril: sua evolução em duas regiões brasileiras. **Revista do IEB**, São Paulo, n. 19, p. 55-78, 1977.

SAINT-HILAIRE, A. de. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. 1779-1859. Tradução de Adroaldo Mesquita da Costa. Porto Alegre, 1997.

SANT’ANNA, D. M. Atividades produtivas. In: CHOMENKO, L.; BENCKE, G. A. (Org.). **Nosso Pampa Desconhecido**. Fotografias: Adriano Becker. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 2016. p. 169-189.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

SCHNEIDER, S.; WAQUIL, P. D. Desenvolvimento agrário e desigualdades regionais no Rio Grande do Sul: uma caracterização socioeconômica a partir dos municípios. In: VERDUM, R.; BASSO, L. A.; SUERTEGARAY, D. M. A. (Org.). **Rio Grande do Sul**: paisagens e territórios em transformação. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 27-57.

SILVA, J. G. da. **Tecnologia e agricultura familiar**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999.

SOJA, E. W. **Geografias pós-modernas**: A reafirmação do espaço na teoria social crítica. Ed. Zahar, 1993.

VERDUM, R. Paisagem do Pampa: monotonia que se rompe no espaço e no tempo. In: CHOMENKO, L.; BENCKE, G. Al. (Org.). **Nosso Pampa Desconhecido**. Fotografias: Adriano Becker - Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 2016. p. 45-60.

WANDERLEY, M. N. B. **O mundo rural como um espaço de vida**: Reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: UFRGS, 2009 (Série Estudos Rurais).

WANDERLEY, M. N. B. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas: o “rural” como espaço singular e ator coletivo. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 87-145, 2000. Disponível em: <<https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/178>>. Acesso em: 15 mai. de 2021.

WIZNIEWSKY, C. R. F. Reflexões acerca do desenvolvimento, agroecologia e educação. In: DE DAVID, C.; WIZNIEWSKY, C. R. F. (Org.). **Agricultura e transformações socioespaciais**: olhares geográficos e a pesquisa de campo. Porto Alegre: Evangraf/Jadeditora, 2015. p. 80-91.

Recebido em 30/03/2022

Aceito em 13/05/2022

